

# *A Objetividade da Subjetividade*

**Alécio Vidor**

Faculdade Antonio Meneghetti (AMF)

**Resumo:** Este é um artigo teórico que possui como escopo o estudo e análise acerca da temática da objetividade da subjetividade, na Filosofia. O critério do saber necessita adequação do ser. O corpo não limita suas informações à percepção dos sentidos externos. Existem outras linguagens corporais que são objeto de estudo para que o homem conheça a si mesmo em seu aspecto subjetivo. Os métodos podem ser extrospectivos ou introspectivos desde que o objetivo seja integrar as ciências num em um único princípio: o ser humano. Os caminhos podem ser diferentes, mas, o núcleo que dá origem ao saber é o homem. Não basta o saber tecnológico da cultura construída; hoje é necessário conhecer o homem verdadeiro, para que ele possa ser o senhor e o condutor de seus produtos, sem ser manipulado ou ofendido em seu valor. A consciência deve desprender-se da cultura oficial para abrir-se e perceber informações dinâmicas da atividade psíquica, a fim de ter acesso à inteligência da vida.

**Palavras-chave:** objetividade, subjetividade, método.

**Abstract:** This is a theoretical paper that has as target the study and analysis on the issue of the objectivity of subjectivity in Philosophy. The criterion of adequacy needs to know to be. The body does not limit your information to the perception of the external senses. There are other body languages that are object of study for man to know himself in its subjective aspect. The methods can be extrospectivos or introspective since the goal is to integrate the sciences into a single principle: the human being. The paths may be different, but the core that gives rise to know is the man. Do not just learn the technological culture built, today it is necessary to know the real man, so it can be master and conductor of its products without being offended or manipulated in value. Consciousness must become detached from official culture to open up and realize dynamic information of psychic activit, in order to gain access to the intelligence of life.

**Key-words:** objectivity, subjectivity method.

Para a ciência que se reputa objetiva, não se leva em conta as condições subjetivas de quem produz a ciência. Por consequência, fica fora de consideração, a situação subjetiva do cientista. O homem deixou de esclarecer quem é o homem, excluindo a compreensão interna do próprio homem, do seio científico e, preocupou-se em voltar seu olhar para o externo, construindo uma ciência tecnológica de

domínio sobre a natureza e de poder, para manipular. Com estes conhecimentos a ciência não tem acesso ao modo de ser e agir da forma humana, e o homem pode ser subjugado por seus produtos, considerados científicos.

Para o reconhecimento da cientificidade, segundo as normas atuais estabelecidas, basta que o cientista obedeça aos seguintes critérios, sem que

haja exigências de exatidão subjetiva, tal como apontado abaixo:

Que a manualidade seja executada de maneira totalmente impessoal, que seja perfeita de modo mecânico e, melhor, se executada com instrumentos, maquinários ou aparelhos sofisticados. Que os resultados sejam definíveis e quantificáveis em fórmulas gráficas e, a novidade, que emergir do experimento, seja exposta em dados estatísticos significativos. Por fim, o experimento deve ser repetível e que, em paridade de condições ambientais, possa ser feito por quem quer que seja e em qualquer parte do mundo... (BROVEDANI, 1989, p.49).

Obedecendo estas exigências, o método e as condições estabelecidas, acredita-se que seja possível obter um experimento objetivo e de valor científico:

- a) Independente de quem realiza;
- b) Estatisticamente quantificável ou baseado em medida material;
- c) Repetível por quem quer que seja e em qualquer lugar desde que as condições permitam.

Não se pretende, mediante uma análise, negar conhecimentos adquiridos através da experiência oriunda de impressões sensoriais (os cinco sentidos), desde que tais conhecimentos adquiridos por esta via, quando aplicados são confirmados e possibilitam uma evolução tecnológica de gradual domínio sobre a natureza, ou melhor, de equilíbrio entre forças da natureza e forças de poder científico.

O método proposto é considerado objetivo, caso se aceite a suposição que o observador seja isento de interferir no objeto observado, não podendo atribuir uma versão imprópria ao objeto, por ser determinado pelo objeto externo. No entanto, o observador pode desconhecer informações registradas pelo próprio organismo e não percebidas por ele.

Considerando que o corpo é o objeto primário das informações repassadas à consciência, por ser o mediador e tradutor de qualquer outro objeto; a consciência necessita perceber toda e qualquer informação registrada pelo corpo, para garantir a objetividade autêntica.

De fato, existem experiências orgânicas que correspondem à ação do organismo, quando este ativa a variação dos sentidos externos em suas relações e contatos, neste caso a consciência pode produzir uma noção e até uma hipótese explicativa e aplicável ao mundo externo. Porém este conhecimento serve-se de uma informação relativa a uma parte da experiência registrada pelo corpo.

Porém, existem experiências que produzem variações emotivas, glandulares e sensações viscerotônicas que afetam órgãos internos e que, sendo percebidas, geram conhecimentos de outra ordem.

A primeira modalidade de experiências está reduzida à percepção de alguns sentidos do corpo e limita-se a uma interpretação que não representa a realidade objetiva do corpo todo e não reflete a informação da mente toda.

A consciência não percebe estas informações dinâmicas, que revelam se a vida prossegue em ordem, porque a consciência foi estampada pelos modelos sociais e pelos modos de fazer ciência e se manteve alienada dos valores da vida e da saúde.

As experiências viscerotônicas registram variações dinâmicas no corpo e estas informam ações da atividade psíquica e que requer outro nível de percepção, mas que fazem parte da objetividade organísmica. Tal percepção permite verificar se a atividade psíquica reflete ordem ou desordem no corpo.

No momento que se isola e separa o sujeito do objeto, abre-se a possibilidade ao sujeito de, mediante percepção restrita e limitada do corpo, elaborar conteúdos de projeções conscientes subjetivas que não

correspondem a informações das ações corretas da vida presente, manifestas no corpo todo e não percebidas. A mente, mantendo-se dividida entre consciência e vida não tem condições de equilibrar exigências da vida com os produtos da consciência.

O homem, de fato, só conhece através de variações do próprio orgânico (= corpo+mente), e se não tem acesso a percepções registradas pelo próprio ser, seu conhecimento deixa de ser objetivo. O princípio que estabelece a unidade e a continuidade é o ser. Ser do sujeito e ser do objeto relacionam-se em interação ativa e encontram-se unidos e convergentes em ser. O ser humano é psicoorgânico ou orgânico e em base a seu ser encontra o ser universal, como na gota se encontra o ser da água.

A objetividade apela a um reflexo inteligente que coincide com as variações completas e adequadas ao corpo, por ser este o objeto primário da verdadeira mente humana. Caso a consciência projeta noções não conformes à intuição do intelecto (o intelecto é o leitor íntimo do ser), suas noções são opiniões oriundas de uma subjetividade comprometida com uma percepção limitada e condicionada em sua atividade, por ser parcial e comprometida por influências desconhecidas pela consciência.

Ciência, conforme exige o termo, é o saber coincidente à ação do ser.

A possibilidade de erro não se origina das experiências, mas da incapacidade da consciência de percebê-las e traduzir em reflexo o que o ser informa mediante o objeto corpo. O ser não se reduz a uma parte de informação do corpo, mas corresponde a uma unidade de vida que usa corpo e alma para indicar o saber humano.

O acréscimo que se pretende dar ao método é o de voltar o olhar do interior mundo-da-vida, da atividade psíquica como inteligente condutor do saber humano adequado para humanizar. O

homem necessita saber se ele decide e age em forma humana no uso da ciência tecnológica que é um produto seu e responsabilidade sua. No caso de procedimentos o homem corre o risco de um desequilíbrio: o homem pode usar seus produtos tecnológicos contra o humano destruindo o homem, caso este não recupere a dimensão humana para conduzir seus produtos.

A dissociação entre causas externas e causas internas revela uma ciência unilateral produzida por uma mente consciente dividida ou esquizofrênica.

Quando a consciência está presa à cultura interiorizada, ela não tem condições de produzir um saber de outra ordem, um saber que seja reflexo do humano ou de sua identidade. O reflexo consciente ao formalizar o sentido ou a noção da experiência ou do experimento fica restrito às regras da cultura assimilada.

O reflexo consciente sendo um fenômeno intrapsíquico não necessariamente é idêntico ao mundo físico e por isto se faz necessário um exame de aspectos subjetivos. A consciência pode ter sofrido condicionamentos do ensino imposto, e deixar de refletir mensagens de vida que levam a conhecer valores humanos. As noções científicas elaboradas podem revelar conhecimentos de causas extremas, mas podem ser destituídos de valor real para a vida humana e a humanização.

As regras ou o método objetivo acima estabelecido, quando transferidos para elaborar o conhecimento científico, passam a descrever, tão somente, efeitos de um inconsciente desconhecido, mantendo oculta a dimensão subjetiva e reforçando, mediante condicionamento operante, a uma adaptação de violência à vida. Não parece sensato admitir que eventuais erros e até doenças tenham

origem exclusivas em causas externas ou em exigências do método, não cumpridas.

Pode-se perceber que erros possíveis, na ciência, provêm da inexactidão do cientista; inexato porque parte do modo como pensa e não usa a medida integral da vida humana.

Assim, as regras estabelecidas podem valer para pesquisar certo aspecto, mas não podem pretender ser regra única, visto sua unilateralidade.

Os que estabeleceram tais regras, excluindo a subjetividade de exame, o fizeram servindo-se de uma percepção limitada ou baseados em experiências providas por impressão de determinados órgãos corporais, com exclusão de outros.

A possibilidade de uma percepção de nível mais elevado e que colhe informações dinâmicas, vê-se que foi excluída da formulação da ciência. No entanto, um cientista que colhe ou percebe a totalidade das informações orgânicas, afirma: “Há uma gráfica invisível, que a intuição da alma colhe, sem ver com os olhos, porque os sentidos não entram neste universo de informação espiritual” (MENEGETTI, 2006, p.116). Pode-se até suspeitar que, o medo de alguns indivíduos cultos de efetuar uma introspecção em si próprios, para conhecer o mundo-da-vida interior, dificulte a aceitação de um novo caminho para a ciência.

Por etimologia grega, a palavra ‘método’ (*metá+odós*) significa um caminho para alcançar uma meta ou um objetivo e que o caminho pode variar segundo o objetivo que se pretende alcançar. Não há, necessariamente, um único caminho que seja absolutamente válido.

Por outro lado, o método e as regras definidas como única válidas para produzir ciência, partem do consenso da autoridade de alguns e, de mim e de tantos outros, exigem-se a crença em tal proposta. No entanto, a ciência, necessita ter como base a evidência. Portanto, uma

percepção evidente de outro nível, permite-nos fazer ciência, desde que a medida do saber coincide com a dimensão do ser.

A evidência pode ser ampliada, desde que a percepção aprimorada possa produzir um conhecimento de valor e utilidade para servir a vida humana.

Evidências mais altas, difíceis de entender, para uma maioria numérica pode permanecer excluída, por certo tempo, da ciência, porém a ciência não pode ser medida pela democracia.

Como exigência de objetividade para o homem, é preciso admitir que o objeto primário de informação é o corpo humano. Por corpo entende-se qualquer variação biológica, química, orgânica, emotiva, pulsional (o coração, o fígado, o sexo, a sede, a fome, a agressividade, etc.), e qualquer pulsão passa informação e uma ciência deve formalizar conhecimento conforme a ação do próprio ser: “Qualquer parte do corpo é um órgão de conhecimento, exatamente como o cérebro; cada uma destas partes é especializada em colher a realidade em torno” (MENEGETTI, 2012, p. 30). Um conhecimento limitado a uma parcela de informação da vida corporal, não pode tornar-se o critério de valor único para formalizar toda a ciência.

A consciência, como instrumento que projeta as noções decorrentes de experiências sensoriais, está limitada e determinada pela cultura memorizada e perdeu a compreensão de informações que o mundo-da-vida transcreve no corpo humano. Supõe-se que o critério de valor que sustenta a ciência deva ser o modo como o organismo traduz as informações transcritas pela ação da natureza humana. Não é o pensar que garante a objetividade, mas é o ser que fundamenta o saber.

Uma vez esclarecida esta análise, vê-se que a consciência necessita de uma revisão para ampliar o saber a tudo o que o corpo informa segundo a ação da alma. Se a consciência ao interpretar o real já

parte comprometida com regras e com a cultura interiorizada, ela pode distorcer a evidência perceptiva da ação vital.

O critério de segurança, externamente proposto para produzir ciência, pretende excluir as interferências subjetivas sem compreendê-las; porém, “o conhecimento em si, objetivamente, é a noção e quem opera a noção é o sujeito. Quando se discute sobre a ciência, se o faz sobre as noções, sobre a representação” (MENEGETTI, 2009, p. 46). Quem mede a relação dos objetos é a representação consciente e se faz necessário verificar se tal medida não está reduzida a medidas materiais e quantitativas devidas à limitação perceptiva e condicionadas.

Antes de pretender estabelecer limites à ciência é necessário examinar se, na base está uma ideia ou se a base é sustentada pelo reflexo de vida do homem verdadeiro. A ciência real não se fundamenta numa ideologia, numa opinião econômica, médica ou moral de quem pretende conhecer a verdade sem ser verdadeiro, porque estes supostos valores só refletem a medida da cultura memorizada. A ideologia, o pensamento ou a cultura não são prioritários, prioritário é o homem exato, aquele que reflete segundo a ordem da própria natureza.

Não convém construir um saber que tenha por objetivo subjulgar a vida humana a ponto de anular sua dignidade pessoal. O econômico serve ao corpo, mas é indigno usá-lo para manipular e anular a vida do corpo. Não podemos separar o homem de seus produtos, dando autonomia a produtos que não aperfeiçoam o humano sem salvar o útil e funcional à vida e a dignidade do homem.

A medida quantitativa diz referência à matéria, ao ter e esta medida tende a obter mais terreno de domínio externo, mas o ter é inteligente enquanto serve ao ser e à sua realização. É o ser que fundamenta o valor do ter. Se perdemos o

ser não há mais sentido em ter. O ter deve necessariamente orientar-se para construir melhor o ser e realizar a vida humana.

A qualidade é uma propriedade do ser, da essência, é uma característica que aperfeiçoa o ser inteligente e o habilita a desempenhar funções sempre melhores e sobressair por excelência, não apenas para aprimorar a competência profissional, mas para aperfeiçoar-se na forma humana.

É necessário que o modo de pensar tenha origem na forma de ser e não apenas na cultura memorizada e fixa. O direito de viver sem o dever do trabalho para se sustentar, faz nascer a aberração de impor aos outros os próprios deveres. A vida é dinâmica e só sustenta o direito de viver em base à capacidade do dever cumprido com ela. Assim, o homem necessita cultivar a competência inteligente criativa de si mesmo, para se qualificar e responsabilizar-se por si mesmo e poder contribuir para a evolução social.

Hoje estamos diante de um desequilíbrio entre o conhecimento tecnológico do externo e o conhecimento da forma original da vida humana. É indispensável aperfeiçoar o conhecimento do valor humano, sob o risco de que o homem passe a usar os produtos elaborados por ele, para gradualmente destruir o valor humano. Trata-se de evitar usar a ciência contra o homem.

A falta de um saber que conheça o valor íntimo do homem ou da ordem interna da vida impede o homem de conduzir a própria vida com dignidade e manter-se como senhor de seus produtos e não ser reduzido a objeto de manipulação, ou até, ser destruído.

Através de uma percepção que colhe as informações dinâmicas da vida, pode-se obter o conhecimento de estruturas inconscientes que interferem ativamente na consciência, e que impedem a correta versão dos elaborados racionais. O valor de um método depende da capacidade e do raio de percepção do cientista. A competência em ler todas as

informações, traduzidas pelo corpo, como mensagens da própria alma, dá ao cientista a possibilidade de formalizar a ciência do homem pelo homem.

Forçando o homem a adaptar-se ao modelo prescrito pela cultura ensinada, anula-se a inteligência criativa e a ciência fica bloqueada em sua evolução. A criação e a evolução são qualidades necessárias para o aperfeiçoamento do homem e de seus produtos. O centro de origem do progresso científico é o homem. É indispensável provocar a consciência do homem a coincidir com a ordem íntima da própria natureza para produzir ciência de valor humano.

Hoje se prioriza o econômico e coloca-se o homem a serviço de objetos, de um ter que desrespeita a ordem do próprio ser e não promove evolução de inteligência. O processo de condicionamento operante desprioriza o homem e o reduz à categoria de objeto de manipulação.

Ciência, em sua origem latina (*scio+entis+actio*) significa saber a ação do ser ou saber como o ente age. O pensar necessita refletir em coincidência com a variação do ser. O ser humano é mente e organismo em continuidade e a ciência não pode limitar-se à percepção de alguns sentidos do organismo. O organismo reflete contínuas linguagens da mente, através de emoções, mímicas, variações orgânicas, atos falhos, sonhos e fantasias, etc., e o método positivista não oferece condições para decifrar tais linguagens e quando ele é imposto sempre prevalece um conhecimento que se mantém dissociado do ritmo da vida.

O conhecimento do homem pelo homem ficou marginalizado, e o homem concentrou seu interesse no mundo externo e reproduziu em tecnologia de propriedades da natureza física e orgânica e com tal conhecimento surgiu o desequilíbrio que ameaça o valor da vida humana. O homem não sabe administrar

de forma humana o poder da tecnologia que foi colocado à sua disposição.

A ciência atual desconhece como se move o princípio dinâmico que gera a experiência e que rege a ordem de base: a atividade psíquica original. Enquanto a consciência é influenciada por memórias de informações passadas, por motivações afetivas ou emocionais, por crença ou autoridade, a consciência se limita a emitir opiniões, porque permanece dominada por interferências subjetivas complexuais.

Complexos latentes na subjetividade constroem dinâmicas subterrâneas em pesquisas de grupo. Os acordos opinativos não formam ciência, porque são adaptações aos complexos coletivos inconscientes. A deficiência de lucidez interior, por falta de evidência, de um ou vários pesquisadores, direciona a falsos resultados a pesquisa de grupo. Quem recorre a discussões em defesa de ideias consideradas intocáveis, comumente é distônico à luz do ser. A ideia é mutável e relativa e necessita seguir à inspiração criativa da alma, ou da vida.

A qualidade, em ciência, independe da quantidade dos que a aprovam. A qualidade é uma propriedade da exatidão da mente consciente. Uma descoberta de um verdadeiro cientista pode exigir vários anos para ser compreendida, visto que estruturas subjetivas não permitem ver ou aceitar. Os parâmetros fixados, quando interiorizados como absolutos produzem resistência consciente. Isto já aconteceu, ao longo da história, com Giordano Bruno, Galileu Galilei, Sigmund Freud, etc.

Quando a percepção se subordina à imposição do limite estabelecido, a ação vida fica impedida de ser colhida pela consciência. Se a informação da alma não tem acesso à consciência ela fica impressa em outras linguagens do corpo, como em esquecimentos, atos falhos sonhos ou doenças, conforme salientou Freud.

O intelecto é uma faculdade da alma, ele sempre reflete a presença de ação da vida e o faz por intuição. A consciência é uma construção posterior que se forma por interferência do contexto, mediante representação de opiniões e cultura.

O intelecto vê e lê (*intus+legere*) a ação íntima da vida e distingue o que é útil e funcional para aquela forma de vida. A consciência representa alguns impulsos da vida, mas grande parte do reflexo intelectual se mantém inconsciente, mas ativo no organismo. Há casos em que a consciência representa instintos alterados e os reputa corretos, embora dissociados do critério de natureza.

A consciência formada necessita de uma revisão para representar e adequar-se a todas as linguagens organísmicas. É necessário recuperar as informações dinâmicas da vida com a vida e saber ler a mensagem dos sonhos porque estes apresentam um depoimento completo da situação de vida do sonhador. A ciência tradicional abandonou a tentativa de decodificar os símbolos presentes no sonho. Esta tentativa já foi iniciada por Antifon 400 anos antes de Cristo, retomada por Artemidoro no segundo século depois de Cristo, e pelos Egípcios. Freud, no século passado, insistiu na necessidade de entender os sonhos para compreender o inconsciente e a origem de várias doenças.

A alma humana é um núcleo inteligente que preside a todas as atividades da vida e mediante um reflexo inteligente define a ordem da natureza. Por exemplo, a dor é um modo de exigir uma correção no modo de pensar e agir; o sonho é um modo de informar se o eu procede bem ou mal, de esclarecer pontos que o eu do sujeito não está em condições de compreender e investir. A alma fornece o sentido e o corpo é sua palavra.

Quando na base do conhecimento prevalece uma ideologia fixa que não reflete o ritmo dinâmico da vida, a ideia

torna-se princípio de alienação da ordem de natureza. Uma delimitação metodológica categórica pode ofender a dignidade do homem inteligente e criativo.

Não há interesse em criticar a contribuição científica que muitos estudiosos deram, mas pode ser vantajoso acrescentar um complemento que leva a conhecer a outra face da ciência: a dimensão humana. Unificar as ciências pode restabelecer o equilíbrio entre o homem e seus produtos. Aperfeiçoar o conhecimento do valor pessoal íntimo e humano pode contribuir no uso da ciência em benefício da humanidade.

O conhecimento metafísico enquanto base de origem das noções e princípios evidentes, para formular ciência, sempre nasce da ação criativa da inteligência humana. Não se pode conhecer para além daquilo que se é, e conhecer a si mesmo, na atividade psíquica especificamente humana, é o meio para que o homem possa ver de que modo e dentro de qual limite ele tem condições de traduzir qualquer coisa.

O homem só conhece uma coisa até aquele tanto que a medida de sua mente propõe através de seu organismo. O homem conhece como verdade aquilo que é igual do real humano e não igual à sua opinião. A medida do real humano leva em conta aquilo que é útil e funcional a seu modo de ser.

Enquanto a ciência mantém a dicotomia sujeito-objeto e exclui a possibilidade de verificar se o sujeito reflete em base a todos os recursos de informação da própria vida, parece-nos razoável que tal ciência não possa estabelecer limites, de modo absoluto e único.

A subjetividade, em sua raiz, é constituída de objetividade: é como uma semente, que não tem origem do objeto externo, e esta objetividade tem condições de intuir e ler o real que presencia tanto o sujeito como o objeto: este real é o Ser.

Se o íntimo de vida do sujeito não encontra o íntimo de vida que atua o objeto, não se dá o encontro com o real (ser) que unifica sujeito-objeto. O campo semântico leva à possibilidade de ler a continuidade que faz de elo da vida com a vida e ver onde se situa o real que faz aparecer os fenômenos materialmente divididos em dois. A percepção do campo semântico revela a informação integrada no real; mas tal percepção exige do homem o reflexo do próprio real autêntico, como atividade psíquica original, ou como agente universal do todo.

## Referências

BROVEDANI, R. Soggettività nel método oggettivo della ricerca sperimentale. **Nuova Ontopsicologia**, n. 2, p.41-51, maio 1989.

FREUD, S. **Introduzione alla Psicoanalisi**. Milano: Boringhieri, 1974.

HUSSERL, E. **La crisi delle scienze europeas e la fenomenologia transcendental**. Roma: Saggiatore, 2002.

MARTINS, J. M. F. **Temas fundamentais de fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1984.

MASLOW, A. **Introdução à Psicologia do Ser**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1980.

MENEGHETTI, A. **Ontopsicologia Clínica**. Roma: Ontopsicológica Editora, 1978.

MENEGHETTI, A. **Fundamentos de Filosofia**. São Paulo: Ontopsicológica Editora, 2005.

MENEGHETTI, A. **O Critério Ético do Humano**. Porto Alegre: Ontopsicológica Editora, 2002.

MENEGHETTI, A. **Intelletto e Personalità**. Roma: Psicologia Editrice, 2005.

MENEGHETTI, A. **Dalla Scienza all'Essere**. Roma: Psicologia Editrice, 2009.

MENEGHETTI, A. **L'Arte de Vivere dei Saggi**. 4. ed. Roma: Psicologia Editrice, 2012.

VIDOR, Alécio. A objetividade da subjetividade. **Revista Saber Humano**, Recanto Maestro, n. 3, p. 68-75, 2013.

*Autor:*

*Alécio Vidor*: Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (Roma-Itália); Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (Roma-Itália); graduação em Filosofia e Pedagogia pela Universidade de Passo Fundo; graduação em Teologia (Escolasticado São José); professor do curso de graduação em Administração e do Bacharelado em Direito da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF), e professor dos cursos de Pós-Graduação MBA *Business Intuition* e do curso de Especialização *Lato Sensu* Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico da AMF.

Submetido em: 30/04/2013

Revisto em: 25/07/2013

Aceito em: 20/08/2013.